



FORMAÇÃO DOCENTE EM SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: TENSÕES DECOLONIAIS E DESAFIOS NOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS

Mikelly Gomes da Silva ¹

A formação de professores de Sociologia para a Educação Básica no Brasil contemporâneo se desenvolve em um cenário paradoxal. Por um lado, observa-se um avanço significativo na produção teórica crítica e decolonial no âmbito acadêmico, com contribuições fundamentais de autores como Paulo Freire (1996), bell hooks (2013) e Nilma Lino Gomes (2017) que repensam a educação a partir de perspectivas emancipatórias. Por outro lado, as escolas brasileiras, especialmente as públicas que recebem a maioria dos estagiários de licenciatura, permanecem marcadas por estruturas conservadoras que frequentemente resistem a abordagens pedagógicas inovadoras. Esta pesquisa, desenvolvida a partir da experiência como professora supervisora de estágios no curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UFPE durante o ano de 2024, buscou compreender essas tensões, analisando especificamente como os referenciais teóricos decoloniais são traduzidos - ou não - na prática cotidiana dos estágios supervisionados.

A justificativa para este estudo se fundamenta em três dimensões interrelacionadas. Primeiramente, a crescente importância da Sociologia como disciplina escolar desde sua reinserção no currículo obrigatório em 2008, que demanda repensar continuamente sua abordagem pedagógica. Em segundo lugar, o atual contexto político-educacional brasileiro, marcado por ataques sistemáticos ao pensamento crítico nas escolas e à própria disciplina de Sociologia. Por fim, a urgência de se desenvolver estratégias formativas que preparem os futuros professores para atuar nesse cenário complexo, sem abrir mão dos princípios de uma educação transformadora. O objetivo central da pesquisa foi analisar como os estágios supervisionados podem se constituir como espaços privilegiados de experimentação pedagógica decolonial, capazes tanto de confrontar as violências (Bento, 2011) presentes no cotidiano escolar quanto de promover a construção de saberes docentes plurais (Tardif, 2014) que articulem teoria crítica e prática educativa.

¹ Professora Dr^a Adjunta da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, mikelly.gomes@ufpe.br; Mulher negra.



Metodologicamente, o estudo se desenvolveu como uma pesquisa qualitativa em educação, realizada ao longo dos semestres 2024.1 e 2024.2, acompanhando quatro turmas distintas de estágio supervisionado em Ciências Sociais. A coleta de dados envolveu três eixos principais que se complementam dialeticamente. Os círculos de conversa, realizados semanalmente após cada jornada de estágio, permitiram registrar as narrativas dos licenciandos sobre suas experiências, capturando tanto os pequenos avanços - como quando um estagiário relatou ter conseguido implementar uma roda de conversa sobre masculinidades tóxicas em uma escola técnica - quanto às profundas frustrações, como o caso de uma licencianda cujo plano de aula sobre cotas raciais foi vetado pela coordenação pedagógica sob a alegação de que "tratava de temas divisivos". A análise documental dos materiais pedagógicos produzidos pelos estagiários - incluindo planos de aula, sequências didáticas e relatórios reflexivos - revelou as estratégias criativas desenvolvidas para traduzir conceitos sociológicos complexos para a linguagem escolar, bem como os limites impostos pelas estruturas educacionais tradicionais. Por fim, os registros sistemáticos de supervisão, em formato de diários de campo, permitiram acompanhar longitudinalmente o desenvolvimento dos licenciandos e as dinâmicas específicas de cada escola-campo. Todo o processo de pesquisa respeitou rigorosamente os princípios éticos, com garantia de anonimato dos participantes e uso consentido dos dados.

O referencial teórico que fundamenta esta investigação articula três eixos centrais que dialogam entre si. A pedagogia crítica e decolonial, representada principalmente por Freire (1996), hooks (2013) e Gomes (2017), fornece o marco conceitual para compreender a educação como prática de liberdade e para problematizar as hierarquias de saber que estruturam o espaço escolar. Freire, com sua ênfase na dialogicidade e na leitura crítica do mundo, oferece ferramentas fundamentais para repensar a relação entre professor e estudante. Já bell hooks amplia essa perspectiva ao incorporar explicitamente as dimensões de raça e gênero na análise pedagógica, defendendo o que chama de "ensinar a transgredir" as fronteiras disciplinares e identitárias. Nilma Lino Gomes, por sua vez, traz contribuições decisivas ao demonstrar como o pensamento decolonial pode se materializar em práticas educativas antirracistas na escola brasileira. O segundo eixo, sobre os saberes docentes, fundamenta-se principalmente nos trabalhos de Maurice Tardif (2014), que nos permite compreender a docência como atividade que mobiliza diversos tipos de conhecimentos - disciplinares, curriculares, experienciais - que se entrelaçam na prática cotidiana. Por fim, o conceito de violência epistêmica, desenvolvido por Bento (2011) a partir dos estudos pós-coloniais, ajuda a identificar os mecanismos sutis e não tão sutis através dos quais certos



saberes são sistematicamente marginalizados no espaço escolar, particularmente aqueles originários de grupos subalternizados.

As análises realizadas a partir desse marco teórico-metodológico revelaram um cenário complexo e cheio de contradições. De um lado, identificamos inúmeras situações em que os referenciais teóricos decoloniais encontravam resistência explícita ou velada nas escolas-campo. Um caso emblemático foi o de um estagiário que, ao propor uma atividade sobre desigualdade social baseada em Freire, foi acusado por um professor efetivo de "doutrinação marxista". Por outro lado, também identificou-se experiências pedagógicas transformadoras que demonstram a viabilidade de uma Sociologia escolar decolonial. Um caso particularmente inspirador foi o de uma estagiária que, diante da resistência da escola em abordar temas raciais, desenvolveu um projeto sobre memória local que permitia aos estudantes refletirem sobre suas próprias histórias familiares e comunitárias, criando assim uma ponte entre o pessoal e o político. Outro licenciando, ciente das limitações impostas pelo currículo tradicional, criou um perfil em rede social para discutir conceitos sociológicos com seus alunos, utilizando linguagens e referências juvenis. Essas experiências demonstram a criatividade pedagógica que pode emergir justamente das limitações estruturais, confirmando a tese de hooks (2013) sobre a pedagogia do conflito como espaço de possibilidade.

As conclusões deste estudo apontam para a necessidade urgente de repensar a formação docente em Sociologia a partir de três eixos principais. Em primeiro lugar, é fundamental fortalecer as redes de apoio entre estagiários e professores críticos nas escolas, criando comunidades de prática que possam oferecer suporte diante das resistências encontradas. Em segundo lugar, torna-se imperativo desenvolver materiais didáticos específicos que auxiliem na tradução dos referenciais teóricos decoloniais para a prática pedagógica cotidiana, superando a dicotomia entre teoria sofisticada e prática simplificada que muitas vezes marca os estágios. Por fim, as próprias estratégias de supervisão precisam ser revistas à luz do viés decolonial, incorporando sistematicamente debates sobre racismo estrutural, gênero e colonialidade não como temas adicionais, mas como eixos estruturantes do processo formativo. O estágio supervisionado emerge assim não como mero requisito burocrático da licenciatura, mas como espaço privilegiado de reinvenção da Sociologia escolar, desde que assumido como locus de tensionamento e transformação. Como encaminhamentos para futuras pesquisas, sugere-se investigar mais profundamente as estratégias de formação docente desenvolvidas em diálogo com movimentos sociais e comunidades tradicionais, que podem oferecer alternativas potentes ao modelo escolar hegemônico. A experiência aqui analisada demonstra que, apesar dos desafios estruturais, é possível construir cotidianamente

uma Sociologia escolar viva, crítica e profundamente comprometida com a transformação social.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. Pólen, 2019. **Dossiê Gênero e Sexualidade no Espaço Escolar**. Rev. Estud. Fem. 19 (2). Ago 2011. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200016>.

BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença In: GOMES, N. L. **O movimento negro educador**. Vozes, 2017.

HOOKS, b. **Ensinando a transgredir**. Martins Fontes, 2013.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Vozes, 2014.